



OS MENINOS DE RUA DE CAMPINAS E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA:
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA SUA REALIDADE
(THE STREET BOYS OF CAMPINAS AND THEIR RELATION WITH THE
WRITTEN LANGUAGE: A CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THEIR
REALITY)

Marina Wendel de MAGALHÃES – (Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP)

ABSTRACT: This article presents partial results of a research on the acquisition of written language by children from the streets of Campinas. This is done through the analysis of their drawings as well as the writings these drawings carry. The intention is to examine the reality and the troubles of the ones who live in a world surrounded by written language and can't master it at all.

KEYWORDS: Street boys; literacy; written language.

0. Introdução

Este trabalho é parte de um projeto que tem como objetivo fazer um levantamento do histórico escolar e familiar de um grupo de meninos e meninas de rua de Campinas, da sua atual relação com a língua escrita e das metodologias adotadas por instituições que se propõem a trabalhar com menores nesta situação. O Grupo Mano a Mano, do qual eu faço parte, vem trabalhando com meninos e meninas de rua de Campinas desde maio de 1997. Formado inicialmente por uma antropóloga do IFCH/Unicamp e por uma arte-educadora graduada no IEL/Unicamp, o grupo reúne pessoas de diversas áreas (música, artes plásticas, física, letras...) empenhadas no trabalho de educação de rua. Sem ter como meta de trabalho transferir os menores de volta para casa, onde muitas vezes o ambiente é violento e opressivo, ou para instituições de reintegração, as pessoas envolvidas neste trabalho têm como objetivo principal desenvolver atividades que estimulem a auto-estima e que possibilitem a expressão individual dos menores carentes. Entre estas atividades, as mais comuns são desenhos, jogos corporais, música, dramatização e leitura de cordéis, de revistas e livros, geralmente com temas ligados a assuntos de interesse dos próprios meninos. A prática tem se realizado sob a forma de quatro encontros por semana, que acontecem ao ar livre em um canteiro próximo a um sinal de trânsito em Campinas, ponto este que concentra grupos de meninos de rua.

O trabalho do Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente, que será tomado como modelo e como contraponto para as análises conclusivas do meu trabalho, é desenvolvido em Salvador e conta com a participação de diversos profissionais da área de educação, psicologia, saúde, direito e afins. Atualmente, o trabalho se divide em três etapas principais:

“Uma primeira, na qual ocorre a formação de vínculos entre os meninos e o educador e o estabelecimento das bases do diálogo pedagógico. (...) A segunda fase do processo pedagógico já possibilita maior regularidade nos encontros, confiança e



planejamento comum das atividades. Começam a ser trabalhadas, gradativamente, algumas atividades em espaços fechados e o grupo passa mais tempo junto, o que permite experienciar novos hábitos de convivência e outros valores. (...) A terceira fase já conta com a capacidade do menino planejar e escolher suas atividades, a partir de uma nova relação consigo mesmo e com os outros, com o tempo e com o espaço.”¹ É importante destacar que o objetivo maior dos educadores do Axé é dar condições para que os meninos desenvolvam suas capacidades individuais, seus talentos (em oficinas de dança, de pintura, de música, etc., etc..) para, posteriormente, estarem aptos a enfrentar as intempéris da vida social. No que diz respeito à aquisição de linguagem escrita, as estratégias de ensino estão baseadas nas idéias de Emilia Ferreiro, de Paulo Freire e de Jean Piaget. As oficinas de alfabetização fazem com os meninos um trabalho de alfabetização até que eles estejam preparados para começar a freqüentar ou para voltar a freqüentar a escola.

1. Perspectiva Teórica

Atualmente são vários os estudos e pesquisas realizados na área de alfabetização e aquisição de linguagem escrita. Várias também são as correntes que norteiam estas pesquisas, mas parece que um ponto é razoavelmente comum a todas elas: o primeiro contato da criança com a escrita se dá muito antes do seu ingresso na escola. Ferreiro (1995) afirma que "desde que nascem [as crianças] são construtoras de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles". Vygotsky, em "A Pré-história da Linguagem Escrita", faz uma descrição dos estágios preliminares da criança que levarão ao desenvolvimento da escrita, desde o gesto que "é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança" e termina por afirmar não ser exagero considerar as brincadeiras de faz-de-conta, o desenho e a escrita como três momentos diferentes de um processo unificado de desenvolvimento da linguagem escrita. Com isso o autor sugere não só que a "preparação" da criança para o desenvolvimento da modalidade escrita da língua começa muito cedo, como também que estes dois estágios iniciais são de fundamental relevância para o bom desempenho futuro destas crianças.

Mayrink-Sabinson (1998), em um artigo publicado recentemente, analisa "o papel do interlocutor no processo de aquisição da representação escrita da linguagem" e se propõe a "verificar o papel do interlocutor 'empírico' — o adulto letrado com o qual a criança interage e que, como representante da escrita 'adulta', contribuiria para o estabelecimento do espaço e dos limites aos movimentos da criança no seu processo de constituição de uma representação escrita para a linguagem que vem usando oralmente".

Um episódio ocorrido quando eu fazia parte do grupo pode ilustrar a dificuldade de interação: durante uma tarde, enquanto desenhava com dois meninos de aproximadamente treze anos, ambos usuários de crack, nós conversávamos sobre

¹ REIS, Ana Maria Bianchi. "O Axé da Bahia – Uma força criadora capaz de transformar a história dos meninos que vivem nas ruas de Salvador". In: Projeto Axé – Educando para a Cidadania, Salvador, 1993.



assuntos triviais. Tudo transcorria bem até que comecei a falar em drogas, perguntando o preço da “pedra” de crack, o número de usuários que ela satisfazia, etc.. “Isso você não pode saber, Tia, isso não é assunto pra você” foi a resposta que obtive. Depois de alguns rodeios, voltei ao assunto e, após um acordo prévio entre os dois, eles concordaram em me contar. A convivência periódica e constante e a confiança que eu já havia conquistado permitiram que eles tocassem num assunto “tabu”.

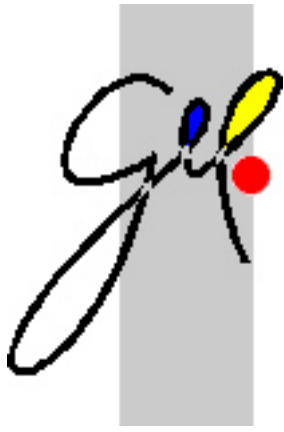
Outro recurso bastante comum para excluir interlocutores não desejados é a utilização de “dialetos” quando querem travar um diálogo na nossa presença, mas cujas informações só devem ser dominadas por eles. Geralmente o que acontece é uma espécie de “língua do pé”, onde os meninos intercalam uma sílaba estranha nas sílabas das palavras dos enunciados. De qualquer maneira, creio que seja necessário um ambiente descontraído para que eles se sintam à vontade para falar de suas experiências e nunca um clima de “entrevista”, com gravadores ou qualquer acessório semelhante. Um roteiro norteado por questões que darão acesso aos dados que se quer obter deverá ser formulado para garantir a identidade das entrevistas. O mesmo método será empregado para traçar a atual relação e convívio com a modalidade escrita da língua e de onde vários dados extremamente interessantes podem ser coletados. Em quais situações estes meninos dependem da leitura? Quais são as limitações que a leitura impõe a eles? São analfabetos funcionais? Como se movimentam pela cidade? Como pegam ônibus? Qual a sua capacidade de produção de escrita? Qual a sua necessidade de produção de escrita? Em situações de produção, elas são espontâneas ou estimuladas? Em ambos os casos, os meninos se arriscam a reformular os seus textos? Com ou sem estímulo externo? Tendo todos estes depoimentos em mãos, será pertinente a realização de um relatório para facilitar a sua consulta e partir para o próximo estágio, ou seja, a comparação com os métodos adotados por instituições já em atividade.

Segundo Abaurre (1997, p. 14) “a adoção de um paradigma indiciário de cunho qualitativo, como o proposto por Ginzburg para a investigação em história, pode ser mais produtiva do que a adoção de um paradigma inspirado nos modelos galileanos (...) para a investigação dos fatos concernentes à relação sujeito/linguagem.” Será, portanto, esta a referência teórica adotada no momento de realizar as análises dos dados singulares que permitem “formular hipóteses explicativas interessantes para aspectos da realidade que não são captados diretamente, mas, sobretudo, são recuperáveis através de sintomas, indícios.” (p.15)

2. A Escrita nos Desenhos

Tendo em mãos alguns desenhos produzidos pelos meninos de Campinas, durante as atividades desenvolvidas com o Grupo Mano a Mano, uns acompanhados de escrita, outros não, pode-se verificar que são altamente informativos acerca da realidade, das vontades e preocupações dos meninos. Escolhi três exemplos para ilustrar o tipo de análise que está sendo feita².

² Na ocasião em que estes desenhos foram coletados (2º semestre de 1997), não havia a preocupação específica com a escrita. No entanto, todo o material produzido foi recolhido e classificado de acordo com o autor e com a forma de produção.



O primeiro desenho foi feito de forma espontânea por um garoto de aproximadamente 13 anos³. O desenho de um revólver com uma bala sendo disparada serve como ilustração do que pode acontecer com quem se envolve com drogas. O interessante é ressaltar que o próprio autor do desenho é um usuário de crack. Em se tratando de alguém que não tem o hábito de produzir escrita (pouca familiaridade com a caligrafia: o "d" está ao contrário; troca escreve "vove" em vez de você e supressão de letras "eover" no lugar de envolver), o enunciado é compreensível, apesar das diferenças entre sua escrita e a escrita de letrados proficientes, e traz uma mensagem bastante forte, que reflete a realidade na qual o garoto está inserido.

O segundo desenho⁴, embora tenha sido feito durante uma atividade com os educadores do Mano a Mano, também foi produzido espontaneamente, sem nenhuma sugestão de tema. A autora, uma menina supostamente de dezessete anos, moradora de rua há pelo menos sete, organizou um suporte físico que imita um livro, dobrando e recortando uma folha de papel que resultou em oito páginas de tamanho reduzido. Este formato pode indicar o resgate de alguma experiência escolar, algum contato anterior com livros. Na primeira página, inteiramente colorida de vermelho, ela desenhou um coração e escreveu "calendario". A segunda ficou em branco, como a contracapa de um livro, e na terceira ela escreveu: "querido diário hoje Eu estou contente heje Eu comi duas marmita porque Eu estava com muita fome."

Na terceira e na quarta páginas ela escreveu seu nome e o restante do "calendario" ficou em branco. Numa primeira versão do enunciado, a criança grafou "oje" nas duas ocorrências da palavra "hoje", como se pode perceber pelos indícios deixados no papel. Na correção, no entanto, a criança dá duas soluções diferentes para o mesmo problema, grafando primeiro "hoje" e depois "heje" o que, provavelmente, é uma simples troca de letra. Além disso, pode-se notar claros sinais de oralidade, no próprio ritmo do texto, na repetição do pronome "eu" e na ausência da marca do plural em "marmita". Outro elemento que chama a atenção é o pronome ser grafado invariavelmente com letra maiúscula. Talvez seja algum resquício da informação de que nomes próprios devem ser escritos com letras maiúsculas e, já que "eu" refere-se à pessoa que fala, portanto alguém com nome próprio, deve também ter a mesma grafia. A mensagem implícita também é clara: a importância de ter comido duas marmitas é tamanha que merece ser registrada no diário, ou seja, está longe de ser um acontecimento corriqueiro.

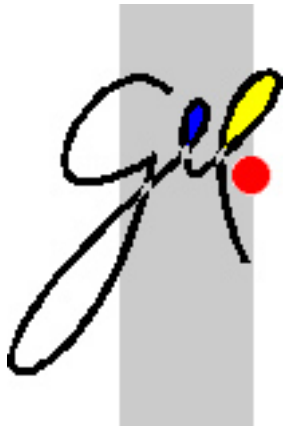
O terceiro desenho⁵, feito pela mesma menina do anterior, de uma casa sólida, com nuvens azuis e um sol amarelo por trás encaixa-se perfeitamente nos moldes mais tradicionais de um desenho escolar e isso também pode sugerir uma experiência anterior em algum ambiente escolar. O que se destaca é o fato de o desenho não só não incluir a autora, como enfatizar a sua exclusão através do enunciado, representando, mais uma vez, a sua realidade de vida.

3. Considerações Finais

³ Ver figura 1 no anexo.

⁴ Ver figura 2 no anexo.

⁵ Ver figura 3 no anexo.



A experiência realizada com um grupo razoavelmente constante, dadas as condições adversas de trabalho — trabalho na rua, interferência da Guarda Municipal de Campinas, localização de traficantes de crack, etc. — possibilitou uma aproximação sólida com os meninos de rua. Através de diálogos, desenhos, música e dramatização foi possível estabelecer um contato, conquistar a confiança e conhecer um pouco do universo destas crianças que vivem de forma tão distinta da que nós estamos habituados a viver. A maioria já passou, em algum momento, pela escola e, portanto, já teve algum contato, por menor que tenha sido, com a modalidade escrita da língua e com algum método de alfabetização. Por razões diversas – repetência, necessidade de trabalho para o auxílio na renda doméstica, etc. – estas crianças saíram da escola e hoje vivem de maneira completamente independente dela. No entanto, não vivem num mundo independente da escrita. “Uma pessoa qualquer que vive no meio urbano, mesmo sendo uma criança, logo percebe que a escrita é uma realidade do mundo em que vive” (Cagliari, 1998, p.63). Resta saber, e esta é uma das metas principais deste projeto, qual é a relação que um menor de rua estabelece com a linguagem escrita e com a leitura. No mesmo artigo, o autor citado afirma que “o sábio progride à medida que compara o que fez com uma nova descoberta. A criança procede da mesma maneira. Por essa razão, é importante que as descobertas parciais já feitas sejam explicitadas, registradas, para que possam ir se constituindo em elementos com os quais as pessoas vão construindo seu conhecimento a respeito do objeto que investigam e estudam” (Cagliari, 1998, p.63).

Para tanto, é necessário que haja um agente estimulador, um adulto letrado que seja capaz de identificar as descobertas, de escutar as hipóteses formuladas pelos pequenos leitores (dado um outro ponto que me parece comum a vários estudos: a aquisição de linguagem, tanto oral quanto escrita, não é um processo passivo, ou seja, as crianças interagem, formulam hipóteses acerca do que estão fazendo), de nortear o processo de aprendizagem pelo qual passam os educandos. Evidentemente, as condições domésticas, os estímulos ou a falta deles, as condições individuais (disposição, interesse, capacidade de concentração, barriga cheia ou vazia...) são fatores determinantes no desenvolvimento da aquisição da escrita. Os meninos em questão estão imersos em um contexto bastante adverso. O agravante, no caso da presente pesquisa, é a ausência do estímulo.

RESUMO: Este trabalho se propõe a apresentar resultados parciais obtidos no decorrer de uma pesquisa sobre aquisição de escrita de meninos de rua de Campinas. Através da análise de desenhos feitos pelos meninos bem como da escrita que os acompanha, pretende-se conhecer um pouco mais da realidade e das dificuldades de quem vive num mundo cercado pela escrita embora não tenha domínio total sobre ela.

PALAVRAS-CHAVE: meninos de rua; letramento; escrita.

ANEXO:

Figura 1:



Figura 2:

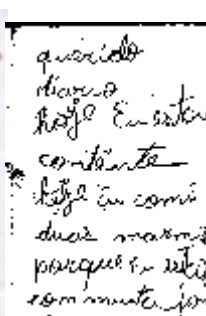


Figura 3:





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques, Maria Laura Mayrink-Sabinson e Raquel Salek Fiad. Cenas de Aquisição da Escrita. O Sujeito e o Trabalho com o Texto. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- CENTRO PROJETO AXÉ DE DEFESA E PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE. Centro de Formação. Salvador: 1993.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.
- FRANCHI, Carlos. "Criatividade e Gramática". São Paulo: SE/CENP, 1991.
- GINZBURG, Carlo. "Sinais: Raízes de um Paradigma". In: Mitos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. "Desenvolvimento da Criança na Fase de Letramento". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 26, Campinas: Setor de Publicações/IEL, Jan./Jun. 1994.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) Ensinar Gramática na Escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ROJO, Roxane (org.). Alfabetização e Letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SOARES, Maria Elias. "Aspectos Relativos à Produção de Narrativas por Crianças de 3 a 9 Anos". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 26, Campinas: Setor de Publicações/IEL, Jan./Jun. 1994.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. "A Pré-história da Linguagem Escrita". In: A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.